



O DUPLO JOGO DE FORÇA QUE INCIDE SOBRE A MEMÓRIA DISCURSIVA

Rosemere de Almeida Agüero

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/FUNDECT

RESUMO

Este estudo objetiva analisar questões relacionadas à *memória discursiva* e ao *interdiscurso* capturadas em discursividades recortadas de *arquivos* da mídia, cujo tema é o drama agrário vivido pelo *sujeito* denominado *brasiguai*. As *sequências discursivas* (SD) recortadas são analisadas pelo viés da *AD*, a partir da voz teórica de Michel Pêcheux. A partir de *tomadas de posição* e da construção de um dispositivo de interpretação busca-se apreender marcas linguísticas e *efeitos de sentido* que mostram como a mídia retoma do *interdiscurso* e da *memória* histórica alguns acontecimentos do passado, discursivizando-os. As análises mostram que a repetibilidade dos segmentos e dos itens lexicais não garantem a produção do mesmo *efeito de sentido*. O fato de o dito pertencer à mesma *rede de implícitos* pode aparentar uma repetição ou estabilização de sentidos, entretanto, quando irrompe em *condições de produção* diferentes ou se inscrevendo em outra *formação discursiva* (FD), essa aparente estabilidade pode ruir e sentidos novos podem irromper. Desse modo, o dizível só ganha *sentido* nas *condições de produção* em que irrompe e na FD no qual se inscreve. A *memória discursiva* exhibe, assim, um duplo jogo de força que se abre aos deslizamentos, mas também mantém a regularização pelo viés da repetição.

PALAVRAS-CHAVE: Memória discursiva. Interdiscurso. Brasiguaios.

ABSTRACT

This study aims to analyze issues related to discursive memory and interdiscourse captured in discursive media files, whose theme is the agrarian drama experienced by the subject called *brasiguai*. The discursive sequences (SD) are analyzed by the bias of AD, from the theoretical voice of Michel Pêcheux. From decision-makings and the construction of an interpretation device, one seeks to apprehend linguistic marks and effects of meaning that show how the media takes up from the interdiscourse and the historical memory some events of the past, *discursivizing* them. The analyzes show that the repeatability of segments and lexical items do not guarantee the production of the same sense effect. The fact that it belongs to the same network of implicits may seem a repetition or stabilization of meanings, however when it erupts under different conditions of production or is inscribed in another discursive formation (FD) this apparent stability may collapse and new senses may erupt. In this way, the achievable only makes sense in the conditions of production in which it erupts and in the FD in which it is inscribed. Discursive memory thus exhibits a double play of force that opens up to slips, but also maintains regularization through the bias of repetition

KEYWORDS: Discursive memory. Interdiscourse. Brasiguaios

Rosemere de Almeida Agüero é doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).
E-mail: raaguero@gmail.com



1 BRASILEIROS NO PARAGUAI: EMIGRAÇÃO, EXPANSÃO E RETORNO

A *Guerra da Tríplice Aliança* (1864 -1870) abalou seriamente a relação entre o Brasil e o Paraguai. Após esse período, o Paraguai passou a ser controlado economicamente pela Argentina, que regulava, indiretamente, seu desenvolvimento econômico.

Em 1941 o presidente brasileiro Getúlio Vargas visitou Assunção, dando início a uma política de aproximação diplomática com o Paraguai. A conciliação definitiva entre os dois países só aconteceu, entretanto, durante o governo de Juscelino Kubitschek (1956-61) e no período da Ditadura militar (1964-85), época em que projetos de integração, como a construção da *Ponte da Amizade* e da *Hidrelétrica de Itaipu* foram formalizados, permitindo o desenvolvimento econômico do leste paraguaio e oportunizando a ocupação dos espaços fronteiriços vazios por camponeses dos dois países.

A ascensão do ditador paraguaio Alfredo Stroessner ao poder, em 1954, inaugurou novas relações diplomáticas entre o Brasil e o Paraguai. Nessa mesma época Juscelino Kubitschek (1956-61) foi eleito presidente do Brasil, dando início à execução de uma série de projetos bilaterais que ficaram conhecidos como a *política pragmática de aproximação bilateral* entre os dois países. Stroessner foi um dos maiores incentivadores da geopolítica brasileira e, aproveitando-se da disputa política entre Brasil e Argentina, estimulou o desenvolvimento das regiões próximas à fronteira com o Brasil.

O período de aproximação entre o Brasil e o Paraguai fortaleceu o governo ditatorial de Stroessner, ao mesmo tempo em que favoreceu a entrada de muitos brasileiros naquele país. A exemplo da *Marcha ao Oeste* desencadeada, no Brasil, pelo presidente Getúlio Vargas, a *Marcha hacia el Este* de Stroessner também pretendia

ocupar os espaços vazios do território paraguaio. O programa visava fixar camponeses paraguaios que viviam na área central do país nas zonas fronteiriças de intensa floresta tropical que, até então, eram habitadas apenas por indígenas, traficantes de madeira e empresas de erva-mate (ALBUQUERQUE, 2010, p. 65).

Ao final de 1960, propagandas veiculadas em rádios e jornais do Sul do Brasil encorajavam os agricultores, especialmente os descendentes de alemães e italianos, a migrarem para o Paraguai. O fator de atração usado eram as terras baratas e a possibilidade de melhoria econômica acelerada. Muitos agricultores do Sul do país, proprietários de pequenos lotes, venderam suas terras e compraram propriedades maiores no Paraguai, atraídos pelos incentivos agrícolas e créditos, em longo prazo, disponíveis no *Banco Nacional de Fomento* paraguaio.

Brasileiros indenizados e remanescentes das inundações do lago de *Itaipu*, além dos trabalhadores que colaboraram na construção da Hidrelétrica, somaram-se às fileiras de emigrantes que atravessaram a fronteira, comprando propriedades em território paraguaio e contribuindo para a mudança econômica da região.

O movimento emigratório de brasileiros para o Paraguai teve um aumento de fluxo a partir de 1970. Os agricultores brasileiros dedicavam-se, inicialmente, ao plantio de menta e café. Com o aumento do preço da soja no mercado esses pequenos agricultores passaram a plantar a nova cultura, negócio que, pela rentabilidade, atraiu grandes proprietários de Mato Grosso do Sul, Paraná e São Paulo para aquele país.

No final da década de 1970 e início de 1980 os processos de mecanização agrícola no Paraguai se ampliaram, propiciando a expansão do agronegócio e o aumento da concentração de terras. Brasileiros que estavam se



capitalizando abriam novas frentes agrícolas em direção ao interior do país, expropriando pequenos trabalhadores rurais, populações indígenas e acirrando a luta pela terra.

Com o fim da Ditadura Stroessner, em 1989, o Movimento Campesino paraguaio ganhou forças, dando origem a várias ações de luta pela terra. Imigrantes brasileiros pobres foram banidos do país, iniciando o movimento de retorno ao Brasil. Durante o retorno, passaram a assumir a identidade de *brasiguaios*.

O Brasil, na década de 1980, vivia o fim da Ditadura Militar (1985), fato que favoreceu a volta do tema da Reforma Agrária à agenda pública do país e o reaparecimento de movimentos sociais, como o Movimento Rural dos Trabalhadores Sem Terra (MST).

O regresso dos *brasiguaios* foi apoiado, inicialmente, pela Comissão Pastoral da Terra (CPT), mas no final da década de 1990 o MST também passou a organizar o retorno das famílias, abrigando-as nos acampamentos localizados nos estados do Paraná e Mato Grosso do Sul (PRIORI; KLAUK, 2010, p. 101).

2 MEMÓRIA DISCURSIVA E INTERDISCURSO EM RECORTES DA IMPRENSA SUL-MATO-GROSSENSE:

Os *acontecimentos históricos* mencionados na seção anterior podem ser apreendidos em discursos da imprensa sul-mato-grossense que tratam do acontecimento enunciativo do surgimento do *brasiguai*. Além do acontecimento histórico, é possível apreender também diferentes *efeitos de*

sentido, assim como vestígios da *memória discursiva* e do *interdiscurso* nos recortes *do/sobre*¹ os *brasiguaios* em circulação nos noticiários.

Antes de tratarmos desta questão, porém, é importante observarmos que o *discurso* não se resume unicamente a um conjunto de materialidades, uma vez que também é um lugar de *memória*. Nele se depositam traços identitários dos sujeitos, a herança das lutas, das vitórias e fracassos, dos acontecimentos vividos, as *tomadas de posições* que o deixam pleno de vestígios das memórias que nele irrompem.

O *discurso do sujeito*, desse modo, constitui-se de todo um conjunto de traços e/ou de fragmentos mais ou menos extensos provenientes de outros discursos, da exterioridade, em suma, do *interdiscurso*, e é produzido no interior de uma *formação discursiva* dada com a qual o sujeito se identifica. O discurso dos sujeitos depende, assim, do *interdiscurso*, que fornece elementos *pré-construídos* que o sustentam. Os *pré-construídos*, um dos elementos do *interdiscurso*, correspondem ao *sempre já aí* da interpelação ideológica (PÊCHEUX, 2009 [1975], p. 151)^{2, 3} que impõe a realidade e seus sentidos aos *sujeitos*. Isso reitera o fato de que em todo discurso “[...] algo fala (*ça parle*) sempre *antes, em outro lugar e independentemente*” (PÊCHEUX, Idem, p. 149).

Enunciar, portanto, é situar-se em relação a um *já-dito*, que se constituiu em outro discurso. Desse modo, não existe um *discurso* de origem absoluta. Ao se colocarem os

¹ O discurso *do/sobre* neste estudo deve ser compreendido à luz do que considera Indursky (2013, p. 287) quando observa que “o discurso *do/sobre* [...] é indissociável porque é entretido com fragmentos [...] oriundos do discurso do [*brasiguai/brasiguayo*], do discurso dos ruralistas, do discurso jurídico, do discurso

governamental e esses fragmentos entrelaçados produzem o discurso da mídia *do/sobre* [...]”.

² Adoto, neste estudo, a seguinte simbolização na identificação das obras de Pêcheux e outros autores clássicos da AD: a data entre [] refere-se àquela da publicação da obra original; a registrada entre () refere-se à edição utilizada neste estudo.



elementos em uma nova situação discursiva, mudam-se as condições

de produção. Consequentemente, a interpretação dessas materialidades recebe um novo *sentido*.

Para melhor compreendermos o pensamento de Pêcheux, consideremos as formulações a seguir, extraídas do discurso da imprensa sul-mato-grossense:

(SD1) Eles são brasileiros, mas moram no Paraguai desde crianças, quando foram levados pelos pais em busca de terras mais baratas para plantar e viver melhor. (Recortada do Jornal *Correio do Estado*, de Campo Grande – MS – 05/05/2010, p. 11 – Título: *Esvaziado, MST recruta brasiguaios*).

(SD2) É preciso lembrar que eles foram atraídos pela promessa de oportunidades e, em pouco mais de 30 anos, transformaram o Paraguai num dos maiores exportadores de grãos e carne da América do Sul. (Recortada do Jornal *O Progresso*, de Dourados- MS – 05/11/2008, p. 2 – *Dia-a-dia* – Título: *Geraldo critica ameaças a brasiguaios*).

Considerando as sequências discursivas (SD1) e (SD2), pode-se verificar um conjunto recorrente de traços linguísticos que conectam cada uma delas, fazendo parecer reformulações de um mesmo dizer sedimentado no *interdiscurso* e que ressoa desde lá, nas formulações dos sujeitos, como prováveis *paráfrases* de dizeres anteriormente ouvidos.

Embora produzidas sob condições *heterogêneas* (a primeira formulação foi publicada em 05/05/2010 pelo Jornal *Correio do Estado*, de Campo Grande/MS, e a segunda data de 05/11/2008 e foi recortada do Jornal *O progresso*, de Dourados/MS, portanto, em tempos e espaços diferentes) as formulações (1) e (2) estão vinculadas à mesma *rede de sentidos*. Essa característica pode dar uma falsa ideia de *homogeneidade* às duas sequências, remetendo a um mesmo discurso originário que irrompeu a partir da situação histórica da

emigração dos brasileiros ao Paraguai. Nesse aspecto, uma análise puramente intuitiva nos levaria a observar as formulações de maneira a conectá-las apenas como *paráfrases* de outros dizeres que pertencem à mesma *rede*.

Temos que considerar, entretanto, que tais formulações foram produzidas sob condições *heterogêneas* de produção – em (1) o articulista do jornal denuncia que o MST está recrutando *brasiguaios*, no Paraguai, para conter seu esvaziamento progressivo. Em (2) o jornal reporta falas do deputado Geraldo Resende, que se mostra indignado com os conflitos vividos pelos *brasiguaios* no Paraguai, em discurso proferido na Câmara dos Deputados. Desse modo, enunciadas em condições de produção heterogêneas, tais formulações são passíveis de sofrerem deriva no interior das formações discursivas (FD) em que são produzidas, transformando-se, esburacando-se e desregulando-se ante o *peso do acontecimento novo que vem perturbar a aparente regularidade anterior* (PÊCHEUX, 2010a [1983], p. 52).

Observemos esses pontos de deriva nas formulações a seguir:

(A) São brasileiros, mas moram no Paraguai [...] quando foram levados pelos pais [...] para [...] viver melhor. (Recortada do Jornal *Correio do Estado*, de Campo Grande – MS – 05/05/2010, p. 11 – Título: *Esvaziado, MST recruta brasiguaios*).

(B) Eles foram atraídos [ao Paraguai] pela promessa de oportunidades [...] (Recortada do Jornal *O Progresso*, de Dourados- MS – 05/11/2008, p. 2 – *Dia-a-dia* – Título: *Geraldo critica ameaças a brasiguaios*).

Embora os recortes anteriores pertençam à mesma *rede de sentidos*, uma vez que tratam do mesmo *acontecimento histórico* da migração dos brasileiros para o Paraguai, aparentemente retomam sentidos já construídos historicamente, mobilizados pela mesma rede de memória, expressos nas sequências *foram* [...] *para viver melhor*, na formulação (A), e



foram atraídos pela promessa de oportunidades, na formulação (B). Se compararmos essas duas formulações, de maneira fragmentada, sem considerarmos que as discursividades foram produzidas em condições distintas de produção, por sujeitos inscritos em formações discursivas (FD) diferentes (a primeira, aqui tomada como FD1, inscreve a imprensa sul-mato-grossense identificada aos saberes dos grupos dominantes do Estado de Mato Grosso do Sul, que apoia os *brasiguaios*, e a segunda, FD2, os políticos que no âmbito das SD se mostram receptivos aos *brasiguaios*) podemos instaurar a ilusão de que ambas funcionam como paráfrases uma da outra, mobilizadas pelo viés da *memória discursiva* dos enunciadores.

Um exame mais atento, todavia, mostra-nos que a repetibilidade dos segmentos “*foram levados [...] para [...] viver melhor*” e “*foram atraídos pela promessa de oportunidades*”, nas sequências mencionadas, não garante a produção do mesmo *efeito de sentido* quando colocadas no interior das SD de onde foram recortadas.

Na sequência (A) o *efeito de sentido* instaurado pelo enunciador é o de associar os imigrantes à condição de *vítimas ingênuas* atraídas ao Paraguai pelo viés de um discurso enganoso de prosperidade. O *não-dito* nessa formulação, mas que o enunciatário pode inferir, é que, uma vez que ela foi recortada de uma reportagem que denuncia *brasiguaios* sendo atraídos do Paraguai para conter o esvaziamento do MST, conduzem à interpretação de que novamente esses imigrantes estão sendo manipulados por interesses outros.

Na formulação (B) o *efeito de sentido* produzido é o de trabalhadores incansáveis, verdadeiros apóstolos do trabalho que em pouco tempo (“*pouco mais de trinta anos*”) conseguiram construir o que os paraguaios não fizeram: “*transformaram o Paraguai num dos*

maiores exportadores de grãos e carne da América do Sul”. O *não-dito* instaura-se pela oposição que o jogo de sentidos oferece à interpretação, podendo ser estabelecido entre *trabalhadores incansáveis, apóstolos do trabalho* (brasileiros) X *preguiçosos, indolentes* (paraguaios). Em outros termos, o *não-dito* é que o brasileiro é trabalhador, enquanto o paraguaio é preguiçoso, daí terem conseguido a transformação econômica do país.

Esse deslizamento de sentidos pode ser explicado pelo viés do esquecimento nº 1 (PÊCHEUX, 2010b [1975], p. 170), zona onde o *sujeito* se marca pela *dispersão* embora mantenha a *ilusão* de que os sentidos do seu discurso permanecem estabilizados.

Conforme se pode observar, a repetibilidade dos elementos nas sequências (A) e (B) não garante a produção do mesmo *efeito de sentido*. Desse modo, mesmo que o dito pertença à mesma *rede de memória*, ou *rede de implícitos*, conforme menciona Pêcheux (2010a [1983], p. 53), quando colocado em condições diferentes de produção, como nas formulações anteriores, produzirá *efeitos de sentido* diversos.

O fato de o dito pertencer à mesma *rede de implícitos* ou *rede de sentidos* pode dar a falsa ilusão que irrompe no discurso de forma estável e sedimentada, aparentando uma repetição ou estabilização de sentidos. Entretanto, quando o dito irrompe em condições discursivas diferentes, na perspectiva de um acontecimento discursivo novo ou se inscrevendo em outra FD, como é o caso das duas sequências que analisamos, essa aparente estabilidade pode ruir e sentidos novos poderão irromper, desfazendo a suposta regularização. À vista disso, todo dizível só ganha *sentido* nas condições de produção em que irrompe e na FD no qual se inscreve. Pertencer à mesma *rede de memória* não garante o mesmo *efeito de sentido*, tampouco a estabilização da memória garante a estabilização dos sentidos. Tudo



funciona na perspectiva de um duplo *jogo de força* que pode manter a regularização parafrástica anterior ou desajustá-la, conduzindo a novos sentidos (PÊCHEUX, 2010a [1983], p. 53).

Desse modo, o jogo de força que incide sobre a *memória discursiva* exibe um duplo aspecto, em que de um lado permite o deslizamento e, de outro, mantém a regularização pelo viés da repetição. Em outras palavras, a *memória discursiva* se abre aos deslizamentos, mas também é um espaço de repetição, de retomadas de implícitos, de paráfrases e regularização de sentidos. Essa estruturação material é mantida pelo viés do *interdiscurso*, compreendido como *já-ditos* manifestados por *pré-construídos* e *paráfrases* que, em seu funcionamento, conseguem manter a estabilização das discursividades.

Diante desse jogo de forças em que fatores históricos e ideológicos afetam *sujeitos e sentidos*, é possível verificar que as sequências (A) e (B) não permitem apenas o deslizamento de sentidos, elas também manifestam a repetibilidade de certos elementos que irrompem nos dizeres pelo viés do *interdiscurso*, visando manter a regularidade pré-existente, conforme podemos constatar em “*foram levados pelos pais [...] para [...] viver melhor*” e “*foram atraídos pela promessa de oportunidades*”, em que as formulações funcionam como paráfrases uma da outra. Segundo Orlandi (2001, p. 36), “os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória”. A paráfrase, para a autora, está ao lado da estabilização, da *memória discursiva*. De fato, a repetibilidade proporciona um efeito de estabilidade às sequências analisadas.

Analisando, portanto, as implicações da *memória discursiva*, podem-se observar nos recortes analisados marcas de um discurso proveniente da segunda metade do século XX

em torno da emigração brasileira que, compreendidas pelo viés do esquecimento nº 1, constituem-se numa zona onde o sujeito *esquece* os sentidos que se formam por meio de processos sócio-histórico-ideológicos que lhes são exteriores. Dessa forma, os sujeitos afetados pela *ideologia* retomam inconscientemente sentidos já construídos historicamente, aqui identificados com a emigração de brasileiros ao país vizinho, na década de 1960.

Reconhece-se, ainda, nos segmentos recortados, a ocorrência do esquecimento nº 2, da ordem da enunciação, zona onde o sujeito pode ingressar mais ou menos conscientemente. O esquecimento de natureza enunciativa caracteriza-se pela incidência de famílias parafrásticas (como em “*para [...] viver melhor*” e “*pela promessa de oportunidades*”, em que os sujeitos produzem sucessivamente uma variedade constante do mesmo discurso: *os brasileiros emigraram ao Paraguai buscando oportunidades para terem uma vida melhor*), que fazem com que o sujeito retorne ao mesmo dizer, mantendo uma regularização preexistente em diversas formulações.

Pelo viés do *interdiscurso* podem-se também analisar outros segmentos presentes nas formulações que se seguem, cuja temática é a invasão e a violência contra a população de *brasiguaios*:

(SD3) De cinco anos para cá a “nacionalização” pregada pelo povo paraguaio fez com que grupos armados invadissem terras de brasiguaios e os encurralassem [...] (Recortada do Jornal *Correio do Estado* de Campo Grande – MS – 06/05/2010, Cidades – p. 10ª – Título: *Iludidas, famílias sonham com pedaço de chão*).

(SD4) Há cerca de cinco anos, conforme contam os trabalhadores que vieram do Paraguai, começaram as invasões violentas nas pequenas áreas rurais, que antes eram suas propriedades. (Recortada do Jornal *Correio do Estado*, de Campo Grande – MS –



05/05/2010, p. 11^a – Título: *Esvaziado, MST recruta brasiguaios*).

(SD5) [...] Transmissões de rádio em guarani exortam os camponeses sem-terra a atacarem os brasileiros, incendiando suas casas ou invadindo suas lojas (Recortada do pronunciamento do Deputado Federal Geraldo Resende, publicado em *O Progresso*, de Dourados- MS – 05/11/2008, p. 2 – *Dia-a-dia* – Título: *Geraldo critica ameaças a brasiguaios*))

(SD6) Segundo o senador, mais de 350 mil pessoas formam a comunidade de brasiguaios que há mais de 40 anos foram trabalhar no Paraguai e hoje sofrem constrangimentos e ameaças, sendo inclusive acusadas de falsificação de documentos. (Recortada do *Jornal Correio do Estado, on line*, de Campo Grande – MS – 24/02/2012, – Título: *Ameaça a mais de 350 mil brasiguaios será discutida com o Itamaraty*)

(SD7) [...] O produtor rural brasileiro Altevir Dotto, 59 anos, que há 35 anos vive no Paraguai, disse que os brasileiros vivem uma “situação muito delicada” no país vizinho. – Não sei se o problema é político ou racial, mas existem ameaças de invasão de nossas terras. (Recortada do *Jornal Correio do Estado, on line*, de Campo Grande – MS – 27/02/2012, – Título: *Senado começa a discutir situação dos brasiguaios em audiência*).

Nas formulações (3), (4), (5), (6) e (7) temos uma variação do discurso proferido em (3), aqui tomado como ponto de referência em relação aos outros discursos. São dizeres que, embora formulados em condições heterogêneas, são parafraseados num espaço de repetição e ativados mediante a retomada de discursos que irrompem a partir da memória que reagrupa acontecimentos e *já-ditos*. É o que podemos observar nos recortes a seguir:

(C) [...] Fez com que grupos armados invadissem terras de brasiguaios [...] (Recortada do *Jornal Correio do Estado* de Campo Grande – MS – 06/05/2010, Cidades –

p. 10^a – Título: *Iludidas, famílias sonham com pedaço de chão*).

(D) [...] Começaram as invasões violentas nas pequenas áreas rurais [...] (Recortada do *Jornal Correio do Estado*, de Campo Grande – MS – 05/05/2010, p. 11^a – Título: *Esvaziado, MST recruta brasiguaios*).

(E) [...] Exortam os camponeses sem-terra a atacarem os brasileiros, incendiando suas casas ou invadindo suas lojas. (Recortada do pronunciamento do Deputado Federal Geraldo Resende, publicado em *O Progresso*, de Dourados- MS – 05/11/2008, p. 2 – *Dia-a-dia* – Título: *Geraldo critica ameaças a brasiguaios*).

(F) [...] E hoje sofrem constrangimentos e ameaças [...] (Recortada da SD15. *Jornal Correio do Estado, on line*, de Campo Grande – MS – 24/02/2012, – Título: *Ameaça a mais de 350 mil brasiguaios será discutida com o Itamaraty*).

(G) [...] Mas existem ameaças de invasão de nossas terras. (Recortada do *Jornal Correio do Estado, on line*, de Campo Grande – MS – 27/02/2012, – Título: *Senado começa a discutir situação dos brasiguaios em audiência*).

Coexiste nesses discursos uma rede interdiscursiva de formulações, garantida pela presença do segmento verbal *invadir* expresso em (C) e (E), com suas respectivas variações (*invadissem/invadindo*) e do item lexical *invasão* (*invasões/invasão*), presente em (D) e (G). Em (F) registramos uma paráfrase por meio da qual os segmentos *invadir/invasão* são substituídos pelas formas nominais *constrangimentos* e *ameaças*, que agem parafrasticamente na linearidade da formulação, não chegando a comprometer a rede interdiscursiva.

Essa interdiscursividade, compreendida como *domínio de memória* (COURTINE, 2009 [1981], p. 111-12; 2006, p. 79) permite o reagrupamento de dizeres que atestam a existência de uma *memória discursiva* que faz retorno constante no *discurso sobre os brasiguaios* produzido pela imprensa sul-mato-grossense. O enunciado (D), nesse aspecto,



configura-se como um retorno e um reagrupamento da formulação manifesta em (C):

(C) De cinco anos para cá a “nacionalização” [...] fez com que grupos armados invadissem [...] (Recortada do Jornal *Correio do Estado* de Campo Grande – MS – 06/05/2010, Cidades – p. 10^a – Título: *Iludidas, famílias sonham com pedaço de chão*).

(D) Há cerca de cinco anos [...] começaram as invasões violentas [...] (Recortada do Jornal *Correio do Estado*, de Campo Grande – MS – 05/05/2010, p. 11^a – Título: *Esvaziado, MST recruta brasiguaios*).

Compreendido dessa forma, pode-se dizer que os enunciados de (C) e (D) foram produzidos no interior de um espaço de repetição, “[...] uma retomada de palavra por palavra, do discurso ao discurso de inúmeras formulações [...]” (COURTINE, 2006, p. 80). Por conseguinte, é um discurso formado a partir de elementos *pré-construídos*, de formulações de natureza histórico-ideológica, cujo efeito é o de uma cadeia discursiva produzida em série e dispersa no tempo, conforme as datas de sua enunciação deixam perceber.

Na formulação (C) “*de cinco anos para cá a ‘nacionalização’ pregada pelo povo paraguaio fez com que grupos armados invadissem*” e (G) “*disse que os brasileiros vivem uma ‘situação muito delicada’ no país vizinho*” o uso das aspas marcam uma das formas da *modalização autonímica* (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 32), revelando a presença do *Outro* no discurso. Contudo, o *Outro* é marcado nas duas formulações de maneira a gerar diferentes interpretações, no plano das duas enunciações.

Na formulação (C) o item lexical *nacionalização* marca a presença do *outro* no discurso do sujeito por meio da *heterogeneidade mostrada marcada*, demarcando as fronteiras entre um dizer e outro. Nesse aspecto, o uso das aspas é semelhante ao que ocorre na formulação (G).

Todavia, o uso das aspas em (C), como elemento modalizador, marca o uso do recurso da ironia como forma de marcar a repulsa do sujeito discursivo ao discurso ideológico estatal paraguaio, que sob o pretexto da *nacionalização* expulsa um contingente significativo de brasileiros daquele país. Desse modo, embora haja a retomada do discurso estatal paraguaio, ela se dá no interior da FD1 da imprensa brasileira, produzindo um efeito de sentido diverso que sinaliza a recusa/repulsa do *sujeito enunciador* ou se marca pelo uso das aspas.

O uso das aspas que recobrem o item lexical mencionado, nesse aspecto, manifesta a opinião contrária do falante ao discurso institucionalizado paraguaio, ironizando o que foi dito de forma a estabelecer um acento de depreciação. O falante, desse modo, constrói a identidade de seu discurso a partir da desqualificação do discurso do *outro*.

Na formulação (G) a presença do *Outro* no discurso é considerada na relação do sujeito discursivo com a exterioridade. As aspas, nesse aspecto, marcam a heterogeneidade discursiva mostrada e marcada de um discurso relatado indireto:

(G) [...] Disse que os brasileiros vivem uma situação “muito delicada” no país vizinho (Recortada do Jornal *Correio do Estado*, *on line*, de Campo Grande – MS – 27/02/2012, – Título: *Senado começa a discutir situação dos brasiguaios em audiência*).

As aspas colocam em evidência, na formulação anterior, um processo de ruptura que se processa no fio do discurso, por meio da sequência *muito delicada*, referindo-se à situação dos brasileiros no Paraguai. A sequência constrói um *efeito de sentido* que ameniza o impacto de um discurso mais contundente se este fosse o dizer do *sujeito* ao relatar a situação crítica vivida pelos brasileiros naquele país. Desse modo, o segmento funciona, no plano da enunciação, semelhante a um eufemismo, atualizado no discurso do



sujeito enunciador de modo a substituir um termo mais impactante por um item lexical mais polido, atenuando o *efeito de sentido* que se poderia criar a partir do uso de um outro. Isso revela a preocupação do sujeito com a recepção do seu dizer pelo interlocutor.

A preocupação do sujeito em atenuar o impacto do seu discurso sobre os possíveis interlocutores explica-se quando nos debruçamos sobre a formulação (G), analisando-a do ponto de vista das *formações imaginárias* de que fala Pêcheux (2010c [1969], p. 81-82). Dentre os três mecanismos das *formações imaginárias* que podem frequentar os discursos dos sujeitos (*antecipação*, *relações de força* e de *sentido*) é o mecanismo de *antecipação* que melhor explica o funcionamento discursivo da sequência (G). O mecanismo de *antecipação* permite ao enunciador se posicionar de um ponto de vista exterior ao seu discurso, projetando uma representação imaginária de seu interlocutor, o que lhe autoriza prever os efeitos de seu discurso sobre o *outro*. Esse *fora-discursivo* admite antecipar os efeitos possíveis que seu dizer poderá instaurar no *outro*, de modo a atenuá-lo ou impactá-lo de acordo com as *condições de produção* em que se realiza o seu discurso.

No entanto, quando reconhecemos que o enunciador pode se antecipar às reações do interlocutor, não queremos dizer que se trata de um sujeito consciente que estrutura seus discursos a partir de uma intencionalidade. Estamos falando de sujeitos que constroem representações sobre o *outro* a partir de uma *posição* social, ou seja, do lugar em que se reconhecem como *sujeitos*, atravessados pela identificação com uma FD determinada e por sua historicidade.

Analisando a sequência (G) do ponto de vista de (A) – *Quem sou eu para lhe falar assim?* – observamos que ela parte de um sujeito enunciador (Altevir Dotto) que enuncia a partir

da *posição* social (PS) de um imigrante brasileiro, que identificaremos à FD3, *posição-sujeito* em que se inscrevem, do ponto de vista de nossa pesquisa, os pequenos e médios produtores rurais brasileiros no Paraguai que estão ameaçados de terem suas propriedades invadidas. As *condições de produção* nas quais ocorre esse discurso é a de uma audiência em Brasília, quando produtores *brasiguaios* aguardam para acompanhar uma sessão junto à Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional (CRE). Antes da audiência um produtor rural *brasiguai* concedeu a entrevista, objeto do nosso recorte.

Mediante as *condições de produção* explicitadas e da inscrição desse *sujeito* na PS da FD3, na perspectiva *do que pode e deve ser dito*, compreendemos que o seu discurso é regulado pelas *condições de produção* descritas, já que está concedendo uma entrevista à imprensa a partir da *posição* de porta-voz de um grupo. O lugar social de onde fala o coloca em posição de reivindicar as demandas sociais e políticas dos pares que representa, já que enuncia a partir de uma posição socialmente legitimada e de um lugar que lhe confere o direito de poder falar em nome dos seus pares. As condições de produção, a cena enunciativa e a *posição* de onde fala justificam, deste modo, a mobilização de um discurso mais polido que, do ponto de vista da *antecipação*, mostra-se mais apropriado à aceitação de quaisquer tipos de leitores.

Desse modo, observa-se que diferentes *efeitos de sentido* vão sendo produzidos quando os segmentos emergem em distintas *condições de produção* e em FD diferentes.

Isso atesta o fato de que a linguagem não é transparente e que é necessário ao analista se afastar da regularidade da paráfrase e das “evidências” das materialidades discursivas para chegar ao verdadeiro sentido.



Nesse aspecto, como foi-nos dado apontar, ao longo de nossas análises, temos que considerar que a recorrência das formulações (a repetibilidade) não garante a mesma produção de *efeito de sentido*, pois, quando colocada em condições diferentes de produção, em situações discursivas diversas ou quando se inscreve em outra FD, não produz os mesmos sentidos. À vista disso, podemos afirmar que o *sentido* da formulação só irrompe quando considerado à luz das condições de produção em que aparece e da FD na qual se inscreve.

CONCLUSÃO

O exame de questões relacionadas à *memória discursiva e ao interdiscurso* revelou a existência do duplo jogo de força que incide sobre a *memória discursiva* que, de um lado, permite o deslizamento de sentidos e, de outro, mantém a regularização pelo viés do *interdiscurso*.

As análises mostraram que a repetibilidade dos segmentos e dos itens lexicais não garante a produção do mesmo *efeito de sentido*, quando considerada no interior das sequências discursivas (SD) recortadas. O fato de o dito pertencer à mesma *rede de implícitos* ou *rede de sentidos* pode dar, assim, a falsa ilusão que irrompe no discurso de forma estável e sedimentada, aparentando uma repetição ou estabilização de sentidos. Entretanto, quando o dito irrompe em *condições de produção* diferentes ou se inscrevendo em outra FD, como demonstramos nas análises, essa aparente estabilidade pode ruir e sentidos novos podem irromper, desfazendo a suposta regularização.

Concluimos, assim, que o dizível só ganha *sentido* nas condições de produção em que irrompe e na FD na qual se inscreve. Pertencer à mesma *rede de memória* não garante o mesmo *efeito de sentido*, tampouco a estabilização da memória garante a

estabilização dos sentidos. Tudo funciona na perspectiva de um duplo *jogo de força* que pode manter a regularização parafrástica anterior ou desajustá-la, conduzindo a novos efeitos de sentido (PÊCHEUX, 2010 [1983], p. 53).

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, José Lindomar Coelho. *A dinâmica das fronteiras: os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai*. São Paulo: Annablume, 2010.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas: UNICAMP - IEL n.19, jul/dez., 1990, p. 25-42.

COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos* (1981). Trad. Cristina de campos Velho Birk et al. São Carlos: EDUFSCAR, 2009.

_____. *Metamorfoses do discurso político: as derivas da fala pública*. Trad. Nilton Milanez e Carlos Piovezani Filho. São Carlos: Claraluz, 2006.

INDURSKY, Freda. O ideológico e o político no discurso do/sobre o MST. In.: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro; MITTMANN, Solange (Orgs.). *O acontecimento do discursivo no Brasil*. Campinas: Mercado de Letras, 2013, p. 277-303.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In.: GADET, Françoise e HAK, Tony. (Orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethania S. Mariani et al. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010a, p. 59-158.



_____; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In.: GADET, Françoise e HAK, Tony. (Orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethania S. Mariani et al. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010b, p. 159-249.

_____. Papel da memória (1983). In.: ACHARD, Pierre (org.), *Papel da memória*. Trad. José Horta Nunes, 3.ed., Campinas - SP: Pontes Editores, 2010c.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (1975). Trad. Eni Puccinelli Orlandi et al. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

PRIORI, Angelo; KLAUCK, Roberto Carlos. O retorno dos brasiguaios. *Revista Espaço Acadêmico*, nº 109, junho de 2010, Ano X, p. 95-102, ISSN 1519-6186.

Como citar este artigo (ABNT NBR 60230)

AGUERO, R. A. O duplo jogo de forças que incide sobre a *memória discursiva*. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 5, p. 25-35, 2018.